

Para saber mais:
[http://
www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br)

DERMEVAL SAVIANI

Grande estudioso da educação brasileira, Dermeval Saviani é, atualmente, professor emérito da Universidade de Campinas (Unicamp) e coordenador geral do Grupo Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), que completou vinte anos em 2006. Como pesquisador, tem dado importantes contribuições para o entendimento da história da educação e é um instigador do debate acerca do papel do educador dentro e fora da escola.

Formado em Filosofia pela PUC-SP (1966), Saviani doutorou-se em Filosofia da Educação pela mesma instituição em 1971. Em 1986, na Unicamp, alcançou a livre-docência em História da Educação, e, posteriormente, em 1994-95, passou por período de estágio sênior na Itália. Dermeval Saviani é autor de numerosos trabalhos publicados na forma de livros e de artigos em revistas nacionais e internacionais. Foi membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, coordenador do Comitê de Educação no CNPq e coordenador de pós-graduação na UFSCar, PUC-SP e Unicamp. Como prêmios, foi condecorado com a Medalha do Mérito Educacional do MEC e recebeu da Unicamp o Prêmio Zeferino Vaz de Produção Científica.

A seguir, trechos da entrevista concedida no início de março à mestra em Filosofia e História da Educação Giane Maria de Souza e ao jornalista João Francisco Borba.

Contrapontos – O Grupo Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação (HISTEDBR) no Brasil completou 20 anos no ano passado. Primeiramente, gostaríamos que o senhor nos contasse um pouco do trabalho de pesquisa realizado pelo grupo, seus principais eixos e tipos de atuação.

Dermeval Saviani - O trabalho coletivo que desencadeou as atividades do HISTEDBR foi o projeto “Levantamento e catalogação das fontes primárias e secundárias da educação brasileira”. Em torno dele foram organizados Grupos de Trabalho (GTs) em vários locais dos diferentes estados brasileiros. Com o desenvolvimento das atividades, foram sendo identificadas temáticas específicas a serem investigadas surgindo, assim, diferentes tipos de estudos que, para efeitos organizacionais, foram agrupados em três linhas de pesquisa que o HISTEDBR vem trabalhando atualmente: a) Historiografia e Concepções Teórico-Metodológicas da História da Educação; b) Estudos Temáticos e História Regional da Educação; c) Estudos Histórico-biográficos da Educação.

O projeto “Levantamento e Catalogação de Fontes” foi mantido como permanente e, em caráter instrumental, visando a preservar e tornar acessíveis determinados tipos de fontes, foi instituído o projeto “Digitalização e Disponibilização de Fontes para a Pesquisa Histórico-Educacional”.

Contrapontos – O senhor acredita que o HISTEDBR consegue, por meio dos resultados de suas pesquisas, apresentar um panorama geral da história da educação no Brasil?

Dermeval Saviani - As pesquisas desenvolvidas no âmbito dos diversos GTs que compõem o HISTEDBR formam um grande painel que representa uma amostra significativa da história da educação brasileira. O “Projeto 20 anos” buscou traçar um quadro geral do desenvolvimento histórico da educação no Brasil que, ao lado dos balanços realizados por iniciativa do GT-História da Educação da ANPEd, se aproxima da idéia de um panorama geral da história da educação em nosso país. Entendo, porém, que não chegamos ainda a elaborar um projeto intencional voltado para o objetivo de se traçar um panorama geral da história da nossa educação.

Contrapontos – Como educador e coordenador desse grupo, o senhor consegue apontar os principais caminhos da história da educação no Brasil? As metodologias e afinidades pedagógicas se encontram em determinados períodos?

Dermeval Saviani - Como investigador, tenho desenvolvido pesquisas que buscam identificar os principais caminhos da história da educação brasileira. Assim, procurei formular uma periodização que cobre toda a história de nossa educação, desde as origens até os dias atuais. Essa periodização foi exercitada de diferentes maneiras, abrangendo as idéias pedagógicas e a escola pública, a partir de marcos internos definidos por eventos significativos do desenvolvimento educacional. Em alguns trabalhos, joguei, também, com os conceitos de “século breve” e “século longo” para traçar a periodização. Em grandes linhas, identifico quatro grandes períodos na história das idéias pedagógicas no Brasil: 1. Monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional (1549-1759); 2. Coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional (1759-1932); 3. Predomínio da pedagogia nova (1932-1969); 4. Configuração da concepção pedagógica produtivista (1969-2001). No que se refere à história da escola, esbocei a seguinte periodização : O primeiro período seria constituído pelo “breve”, aliás, “brevíssimo século XVI” e corresponderia à “pedagogia brasílica”, que se iniciou com a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549, e se estendeu até 1599 quando entrou em vigor o “ratio studiorum”. O segundo período é dado pelo “longo século XVII” (1599-1759) e correspondeu à organização dos estudos, conforme as regras do “ratio studiorum”, cuja vigência se estendeu até a expulsão dos jesuítas em 1759. O terceiro período, o “breve século XVIII” (1759-1834) é o século da “pedagogia pombalina” com a implantação das “aulas régias” que perduraram no Brasil até 1834. O quarto período corresponde ao “breve século XIX” (1827-1890) e tem início com a promulgação da lei das escolas de primeiras letras, indo até 1890 com a implantação dos grupos escolares. Finalmente, o quinto período, o “longo século XX”, vai de 1890 e se estende até 2001 quando a aprovação do Plano Nacional de Educação completa o ciclo das reformas educativas dos anos 90 no Brasil.

Contrapontos – E em que ponto se encontra a educação no Brasil? O senhor acredita que conseguimos avançar, aproveitando as lições do passado, ou ainda não aprendemos a ler as lições históricas?

Dermeval Saviani- A educação no Brasil, ao longo do século XX, avançou significativamente do ponto de vista quantitativo. De 1933 para 1998, a matrícula geral saltou de 2.238.773 para 44.708.589 alunos, com a seguinte distribuição: ensino primário, de 2.107.616 para 35.792.554; ensino médio, de 108.305 para 6.968.531; ensino superior, de 22.851, para 1.947.504, conforme dados publicados pelo IBGE, em 2003, no volume **Estatísticas do Século XX** (p. 106). Entretanto, como o déficit histórico era muito grande, mesmo quantitativamente as necessidades ainda não foram satisfeitas. Já do ponto de vista qualitativo, a situação vem se agravando de forma preocupante. Poderíamos, de fato, considerar que o grande feito das reformas neoliberais do ensino nos anos 90 foi promover o nivelamento por baixo no que se refere ao sistema escolar público.

Assim, nem mesmo as escolas das áreas urbanas centrais que gozavam de um padrão de ensino mais elevado escaparam dos efeitos negativos de uma política educacional que se pautou por medidas cujo vetor foi a contenção dos investimentos, como o demonstram os resultados dos exames de avaliação promovidos pelo próprio MEC. E as “lições da história” nunca foram um parâmetro levado em conta nas formulações de política educacional em nosso país. É verdade que a história da educação se firmou nos últimos 20 anos como disciplina científica de caráter historiográfico, conquistando reconhecimento nos meios acadêmicos. No entanto, isso ocorreu justamente numa época em que a referência teórico-metodológica hegemônica não valoriza o conhecimento histórico em perspectiva de conjunto, a partir do qual se poderiam tirar as lições históricas capazes de fornecer diretrizes para as ações no campo das políticas educativas e da prática pedagógica.

Contrapontos - Sobre o debate teórico-metodológico atual, o senhor considera que há uma certa hegemonia dentro das concepções que defendem a pós-modernidade, dentro do meio acadêmico? Sobre a pós-modernidade, suas críticas lhe conferem acusações de defesa do ensino tradicional. Há uma defesa declarada do “tradicionalismo” ou há a possibilidade do “aprender a aprender”? A pedagogia histórico-crítica assume uma postura de ruptura?

Dermeval Saviani - Do ponto de vista teórico-metodológico, a hegemonia, hoje, no campo da história da educação pertence, sem dúvida, à corrente denominada de “história cultural”. E essa corrente se situa

certamente no clima dominado pela visão dita pós-moderna. Quanto à contraposição entre “tradicionalismo” e “aprender a aprender”, penso que se trata de uma falsa dicotomia que obrigaria a optar por uma ou outra dessas duas correntes pedagógicas. A pedagogia histórico-crítica se contrapõe tanto ao tradicionalismo pedagógico quanto às pedagogias do aprender a aprender. No primeiro caso, porque a visão tradicional não corresponde mais às necessidades pedagógicas da época atual. No segundo, porque, pretendendo atuar rente à atualidade, as pedagogias do aprender a aprender esvaziam o presente de seu conteúdo histórico e, com isso, perdem a perspectiva de futuro. A pedagogia histórico-crítica pretende superar ambas na construção de uma escola que, saturada de historicidade, prepare os jovens de hoje para se inserir ativamente no mundo presente visando transformá-lo tendo em vista a realização de um futuro que corresponda mais planamente às necessidades humanas.

Contrapontos – E os pesquisadores da educação no Brasil, dentro e fora do grupo, estão em sintonia com as questões e problemáticas contemporâneas?

Dermeval Saviani - Sem dúvida, os pesquisadores da história da educação no Brasil estão plenamente sintonizados com as questões e problemáticas contemporâneas. Aqueles de fora do grupo, aderindo consciente ou inconscientemente às correntes hegemônicas. Quanto aos de dentro do HISTEBR, uma parte também tem aderido à orientação dominante. Outra parte, em plena sintonia com as questões e problemáticas contemporâneas, tem procurado se contrapor à tendência dominante, abrindo caminho para uma historiografia que incorpore as novas contribuições sem abdicar do empenho em trabalhar a história numa perspectiva de totalidade.

Contrapontos - Nos últimos anos, o senhor se debruçou sobre o resgate da história das idéias pedagógicas no Brasil. Há uma continuidade nesta pesquisa ou há atualmente outros projetos em vista?

Dermeval Saviani - Concluído, faz três anos, o projeto “História das idéias pedagógicas no Brasil”, estou ultimando, agora, o livro correspondente em que espero fornecer um panorama geral da história da educação brasileira tendo como parâmetro as idéias pedagógicas. Paralelamente, estou encerrando agora o projeto “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil: perspectiva histórica e teórica”, em certo sentido um desdobramento do projeto anterior. Este novo projeto dará origem

ao livro **A pedagogia no Brasil: história e teoria**, que pretendo concluir e, se possível, publicar ainda neste ano de 2007.

Contrapontos – Professor Saviani, é impossível não perguntar sobre a teoria da curvatura da vara. Afinal, para onde ela pende?

Dermeval Saviani - “Teoria da curvatura da vara” é uma metáfora que se situa no plano polêmico. Seu sentido é a negação frontal das teses correntes. Isso porque, assim como para se endireitar uma vara que está torta não basta colocá-la na posição correta, mas é preciso curvá-la para o lado oposto, assim também, no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é mister abalar as certezas, desautorizar o senso comum. Meu objetivo ao introduzir no debate educacional a “teoria da curvatura da vara” foi o de polemizar, abalar, desinstalar, inquietar, fazer pensar. Hoje, a posição dominante pende para o lado dos mecanismos de mercado, valorizando a privatização, com uma visão fragmentada voltada para o local, o particular, o pontual. Nesse contexto, o exercício da “teoria da curvatura da vara” levaria a demonstrar a falsidade dessa visão, tida como obviamente verdadeira, demonstrando, ao mesmo tempo, a verdade da posição considerada como obviamente falsa, ultrapassada, a saber: a importância do interesse coletivo, do Estado e da visão de conjunto voltada para o geral, o universal e para o movimento histórico como um processo de transformação dos homens, em luta contra as forças que querem perpetuar o presente, impedindo a realização plena da humanidade.

Contrapontos – A educação no Brasil, principalmente a superior, vive um período delicado, com um projeto de reforma constantemente reformulado, mas ainda não aplicado em nenhuma de suas versões. Como o senhor compreende essa questão? Isso não pode trazer conseqüências indeléveis para a educação a médio e longo prazo?

Dermeval Saviani - O vetor da política educacional para o nível superior no Brasil, desde o governo FHC, tem sido a chamada diversificação de modelos. Daí, o surgimento de diferentes tipos de instituições oferecendo as mais variadas modalidades de cursos. Daí, também, a descaracterização das próprias universidades com a admissão, chancelada pela nova LDB, da organização de universidades especializadas por campo de saber. Com isso, a universalidade do conhecimento, característica inerente ao conceito mesmo de universidade, que era exigida na legislação anterior, já não é

mais necessária para a organização das instituições universitárias. Tal orientação, sem dúvida, traz conseqüências deletérias para a sociedade em geral e para a educação, em particular, pois o desenvolvimento da alta cultura pelo cultivo das ciências básicas, das letras e das artes deixará de ser referência para a formação das novas gerações.

Contrapontos – Outra questão muito atual em relação ao ensino superior é a abertura indiscriminada de novos cursos e faculdades, que levou (e está levando) a educação a ser encarada como produto – principalmente pelas instituições privadas. Qual é o papel do educador nessa discussão? Como relacionar-se com a instituição como padrão e como espaço de aprendizado?

Dermeval Saviani - De fato, a dita diversificação de modelos respalda a abertura indiscriminada de faculdades e cursos guiados fundamentalmente pelos assim chamados interesses de mercado, no espírito das “universidades corporativas” que se vêm multiplicando nos Estados Unidos por iniciativa das grandes empresas. Nesse contexto, o educador como tal, é ofuscado, cedendo lugar ao adestrador: a educação deixa de ser um trabalho de esclarecimento, de abertura das consciências, para se tornar doutrinação, convencimento e treinamento para a eficácia dos agentes que atuam no mercado. Como diz Jeanne C. Meister, autora de **Educação corporativa**, no prefácio do livro: “as empresas que direcionam recursos para a criação dessas universidades corporativas acreditam fervorosamente que a chave do seu sucesso e de suas vantagens competitivas no mercado está em oferecer aos funcionários maior acesso à atualização de seu conhecimento e de suas qualificações” (**Educação corporativa**. São Paulo: Makron Books, 1999, p. xxviii). Mas, não apenas isso. Ela acrescenta que “o público-alvo do aprendizado estende-se agora para além das organizações e inclui os principais participantes da cadeia de valor” (idem, p. xxxi), isto é: as empresas treinam seus clientes, criam “departamento de educação do consumidor” a partir do entendimento de que todos, revendedores, distribuidores, atacadistas, fornecedores e clientes “têm de conhecer a visão da empresa e, o mais importante, saber como colocar essa visão em prática no mercado” (*ibidem*).

Contrapontos – Para finalizar: Como o educador deve se situar em relação à história da educação no Brasil? Como ser protagonista dessa história?

Dermeval Saviani - Em relação à história da educação no Brasil, penso que cabe ao educador, em primeiro lugar, procurar conhecê-la,

pois sua atuação se dá no interior dessa história. Na verdade, nossa ação no momento presente é um elo na cadeia histórica da qual participamos e que nos liga aos que nos precederam e aos que, no futuro, darão continuidade aos nossos próprios esforços. Como dizia Gramsci, “se é verdade que a história universal é uma cadeia dos esforços que o homem fez para libertar-se tanto dos privilégios como dos preconceitos e da idolatria, não se compreende por que o proletariado, que um outro elo quer juntar a essa cadeia, não deva saber como e por que e de quem tenha sido precedido, e qual a vantagem que pode tirar desse saber” (**Scritti giovanili: 1914-1918**. Torino: Einaudi, 1975, p. 26). Nosso protagonismo na história da educação brasileira será tanto mais conseqüente e eficaz quanto mais estiver fundamentado no conhecimento das condições em que atuamos. Daí a importância do estudo da nossa história educativa não apenas pelo aspecto teórico, mas, sobretudo, pelo seu lado prático.